Neurose obsessiva e a ética do desejo

Freud, em seu texto *Inibições, sintomas e angústia* (1926) aponta a dificuldade particular que o obsessivo enfrenta em seguir a regra fundamental da análise. Preso em seu conflito quanto a calar-se ou repetir-se, o obsessivo permanece como testemunha do impossível, afinal tudo está bloqueado.

Num pequeno passeio por parte do percurso freudiano acerca da neurose obsessiva, inicio pelos *Três ensaios*, nos quais trouxe a forte primazia das fases do desenvolvimento sexual e colocava como característica principal da neurose obsessiva uma regressão as fases anais.

Na neurose obsessiva, segundo Freud, as pulsões recalcadas se movem através de uma cadeia de deslocamentos, atingindo assim novas representações. Em *Totem e tabu* (1913) ele relaciona a série de deslocamentos das proibições tabu com o mecanismo da neurose obsessiva. Desse modo, o objeto ou a pessoa imantada pela proibição transfere seu poder negativo a quase tudo com que se relaciona. Como por exemplo: o trato em relação à morte, aos guerreiros e seu tempo de isolamento após batalhas e tudo o que circunda a figura do cuidador dos mortos (coveiro).

O objeto tabu traz ao indivíduo forte sentimento de ambivalência, já que os mais importantes tabus são construídos para barrar algo que aponta de forma quase irresistível a ultrapassagem de limites. Não é à toa, portanto, na convivência tribal descrita em *Totem e Tabu*, todo o cerimonial social de contato entre homens e mulheres, bem como todas as regras que se impõem aos encontros casuais. Tais como os curiosos e até engraçados relatos das evitações entre genro e sogra, que apontam também para o caráter ambivalente dos sentimentos de evitação-aproximação.

Um trecho bastante interessante é aquele que fala sobre o animismo e as considerações acerca da onipotência de pensamento, algo comum na neurose obsessiva. A ilusão de que um pensamento foi realizado e partir daí mais culpabilização e compulsões que agem como contra-feitiço para prevenção de acontecimentos.

Já em 1909, em *O homem dos ratos*, com seu curioso relato de um suplício rato-anal, Freud percebia o forte caráter imperativo da neurose obsessiva em toda sua força sádica dos juramentos do "*deves*...".

No texto *O eu e o isso* (1923), com o advento da segunda tópica, Freud amarra intrinsecamente a *Zwangsneurose* e a função do supereu. Nesta fase e em anos subseqüentes, ele comenta acerca de seu espanto em relação à força do imperativo

supereuóico. “O supereu pode tornar-se hipermoral e, portanto, tão cruel quanto só o *isso* pode ser”, diz Freud.

Mas, de onde vem essa força voltada contra o eu? Freud responde a essa questão colocando a possibilidade de uma inversão da impulsão sádica em forma masoquista. Conforma afirma Julien (2009), “É este o supereu em seu sadismo: uma aplicação em si mesmo de uma destruição antiga dirigida contra o outro”.

Em *Mal-estar na cultura* (1929), Freud demonstra o estranhamento frente a máxima cristã de “amar ao próximo como a si mesmo”. Como isso pode ser possível? Com Freud estudamos sobre a existência do *fremde* (estranho) dentro de nós, assim, sabemos que a maldade do outro é a maldade desse próximo que nos habita. Ainda nesse texto comenta que a severidade do supereu não reflete de modo algum a forma como o sujeito foi tratado em sua vida. Vemos assim, que o supereu é muito mais forte do que o internalizado da moral de um pai ou de uma mãe. Pode-se perceber que ele possui algo mais profundamente internalizado, algo que vem no chamamento de uma voz interna que diz: “*tu deves*...”.

E o que nos diz Lacan?

Com Lacan, temos uma retomada da neurose obsessiva a partir de questionamentos e críticas às formas de tratamento na clínica pós-freudiana. Lacan revela sua desconfiança em relação aos métodos utilizados, que segundo ele só levam a uma melhora no alívio da culpabilização obsessiva.

Uma das maiores críticas feitas por Lacan foi dirigida a um tratamento proposto por Maurice Bouvet (1950), que em sua formulação principal trazia a seguinte tríade: a) busca da <u>frustração</u> infantil; b) diminuição da <u>agressividade</u> e c) resolução da <u>regressão</u>. O próprio Bouvet reconheceu que embora as obsessões permanecessem, o ganho se dava na diminuição da culpa.

Lacan, que estudou o tratamento de Bouvet seguidamente durante sete seminários, desde *Formações do inconsciente* (1958) até *Problemas cruciais da Psicanálise* (1965), afirma, seguindo a mesma linha de Freud, que o sofrimento humano não é aquele de que trata Bouvet, mas sim aquele que é trazido na condição primordial de constituição do sujeito. Pois, diferentemente do que coloca Bouvet, “a neurose

obsessiva não vem de uma frustração da demanda do ter, mas de uma castração não realizada quanto ao ser o que falta ao desejo do Outro" (JULIEN, 2009, p. 146).

Em seu Sétimo Seminário, Lacan introduz a discussão acerca da ética possível frente ao abandono do Outro, a partir das formulações feitas por Freud em suas últimas obras, nas quais relata seu estranhamento quanto ao abandono, ao desamparo e à maldade para com o próximo.

Que ética servirá frente aquela *das Ding* e do gozo do Outro? Em busca de respostas, Lacan passa por Kant, que nos fala do bem e do dever e por Sade, que "enuncia o direito do outro ao gozo, direito sobre meu corpo" (Julien, 2009, p. 153).

Mas fica o questionamento: seriam estas éticas apropriadas à Psicanálise? Lacan vai além do imperativo kantiano e do gozo perverso de Sade para propor que cada sujeito deve manter proximidade com seu próprio gozo, ou seja, estar a serviço de uma lei que ao mesmo tempo em que não reprova toda simples ação também não o deixa cair na libertinagem: "Há na lei do desejo um saber que devemos nos servir afim de examinar todo saber", diz Lacan no Seminário 7.

Lacan relembra São Paulo para fazer essa liga entre lei e desejo:

> "Só conheci o gozo pela lei. Com efeito, eu não teria conhecido o desejo, se a lei não tivesse dito: não cobiçarás [...] sem a lei, com efeito, não há gozo. Ah! Eu vivia outrora quando estava sem a lei; mas, tendo vindo o mandamento, o gozo tomou vida e eu morri" (Epístola aos romanos, São Paulo).

Assim, essa lei do desejo que nada tem a ver com noções de bens ou deveres, é ela que dá sentido à castração. Pois, é a partir de uma renúncia ao gozo que algo pode ser alcançado pela via do desejo.

O supereu e a travessia do fantasma

Qual seria então o destino do supereu no fim de análise? Poderíamos supor o seu aniquilamento?

Não tão rápido... Sabemos com o que estudamos em Freud e Lacan que este caminho apresenta brechas. Por creditarmos ao supereu função mais importante, podemos perceber que essa voz que fala ao sujeito sem que se saiba de onde ela vem ou quem a dirige, tem conseqüências fundamentais na constituição do sujeito.

O objeto *a* como voz – e, portanto, o supereu – tem a função de sustentação que liga o desejo à angústia. Toda a angústia trazida por esse desconhecimento a respeito de quem fala faz entrar em ação o fantasma, que, com sua parte imaginária, vem encobrir e velar essa voz; é assim que a voz retorna como mandatário de gozo do supereu. Gozo este que afasta o sujeito da ética do desejo e que o deixa largado no domínio da impossibilidade.

O percurso enfrentado pelo supereu no desvelamento do fantasma o retira da posição de "guerreiro do gozo impossível" e o traz de volta ao lugar desse **Tu** que fala ao sujeito, mas que fala não de um *mais de gozar impossível*, mas sim da possibilidade da busca da satisfação através do desejo.

Encerrarei minha exposição com uma citação de Fernandez (1997, p. 77):

> "Se, entretanto, o supereu participa da função do objeto como causa do desejo, tendo sofrido um esvaziamento de gozo pela travessia do fantasma, podemos supor que algo dele restará ao final de uma análise – resto que, por um reviramento, talvez possa então vigorar como causa do desejo, operando na dimensão do imperativo ético".

Interlocuções

E em Lacan?

- Parte do que Lacan discute no Seminário VII sobre a obra de Sade demonstra que o caminho de Sade aponta fortemente para a pulsão de morte, mas, esta pensada não somente como vemos no início de um percurso em psicanálise, pulsão de destruição, mas como algo que se dirige a possibilidade de reconstrução (algo não tão nefasto como muitas vezes nos é mostrado)

- E quanto a sublimação, caminho ético possível? Como exemplo dessa promoção do objeto a status de *Das ding*, Lacan discute o amor cortês e o seu teor de mitificação da mulher. A mulher é colocada num pedestal de adoração e assim dessexualizada. Mesmo estando distante dos séculos de maior proeminência desse amor cortês, podemos ainda nos dia de hoje ouvir entre os adolescentes e jovens: “essa daí é só pra dar beijinho, sacanagem com ela não”. Posteriormente, ele vai ao consultório e diz: “doutô, com minha namorada, não consigo levantar de nenhum! Mas te digo uma coisa, quando saio de lá, passo na rua, pego uma puta, e com ela faço miséria”.